

SÔBRE O EXÉRCITO FRANCÊS

O; Campos de Instrução - O Campo de Mourmelon - O
 "Curso Prático de Tiro de Infantaria e dos Carros", ou Escôla
 de Tiro de Infantaria e Carros de Combate

Pelo Gen. de Brigada D. JORGE A. GIOVANELI, do Exército Argentino
 Tradução, autorizada pelo autor, do n.º 459, da "Revista Militar", feita
 Pelo Major FELICISSIMO DE AZEVEDO AVELINE

I — OS CAMPOS DE INSTRUÇÃO

Apezar de que a extensão da França é incomparavelmente menor do que a do nosso país e que, ao contrário, sua densidade de população é muito superior, em todas as regiões militares francêsas existem campos de instrução e de tiro, que permitem a realização de exercícios táticos e de tiro de combate, de armas isoladas e de armas combinadas, com as unidades em que elas estão enquadradas.

Muitos destes campos, como os de Mourmelon e Mailly, são de época do império, campos que, não obstante o aumento que vem sofrendo a população e a necessidade resultante de aproveitar cada vez mais o sólo, se tem sabido conservar desde aquéla época em poder das autoridades militares, por se calcular que tambem a instrução militar tem, por parte, exigências cada vez maiores, e que uma previsão desta natureza diz respeito ao interesse superior da defesa nacional.

Em tal sentido, se deve reconhecer que por parte dos poderes públicos e das autoridades superiores do exército francês existiu um conceito claro a respeito das exigências da instrução militar moderna.

Possuir uma organização militar e armamentos modernos, e carecer de campos de instrução que permitam ás tropas praticar amplamente os processos de combate e de tiro

para conhecê-los á fundo e tirar desses armamentos o maior rendimento possível, “significa uma falha fundamental no preparo para a guerra; é desconhecer em sua essência a arte militar que, acima de tudo, é uma arte essencialmente experimental”.

E esta influência do terreno na instrução das tropas de todas as armas e especialidades será maior á medida que se aperfeiçoar a técnica dos armamentos e dos materiais de guerra e que o combate seja, como sem dúvida o será, no futuro, “cada vez mais de armas combinadas”.

A experiência, que se traduz nos regulamentos de exercícios, demonstra que o melhor entendimento ou enlace entre as diversas armas que compõe uma grande unidade e que é a base do combate das armas combinadas, “é o que se pratica no terreno em tempo de paz”; tem a virtude de ser por sua vez, um enlace espiritual, tão indispensável em armas e em tropas que hão de cooperar em caso de guerra para um fim comum.

Tal conceito da preparação militar moderna influe até na “fórma de organizar em tempo de paz, as diversas guarnições do exército” pois se deve fazer com que as unidades de infantaria e artilharia estejam o suficientemente próximas para possibilitar o trabalho comum de armas combinadas.

Fato análogo se dá com as unidades de aviação e de artilharia anti-aérea que até chegam a combinar seus horários de trabalho de fórma a tornar possível ás últimas a execução de numerosas pontarias sôbre aviões verdadeiros em vôo, pois que não há todavia outro sistema de alvo que proporcione a exata e completa impressão do avião real, em alturas e velocidades reais.

II — O “CAMPO DE MOURMELON”

Os campos de instrução dependem, na França, diretamente do Comando da Região Militar em cuja jurisdição se encontram. (1)

(1) O território francês se divide em 20 regiões militares. A frente de cada Região está o General de Divisão, Comandante da Região, do qual de-

Cada campo tem sua direção própria. Com o fim de dar uma idéia suficientemente clara e completa sobre o que são estes campos de instrução, e como estão êles organizados, referir-me-ei neste trabalho ao "Campo de Mourmelon" situado na jurisdição da 6.^a região militar, nas imediações da aldeia do mesmo nome, a meia hora de trem de Reims, ou seja mais ou menos a quatro horas de trem de Paris. Tive oportunidade de visitar este campo no mês de Março de 1.938.

Para não alongar a descrição, junta-se a este trabalho, como anexos, as cartas n.ºs 1, 2, e 3, que permitem apreciar a organização do campo para o tiro da infantaria e dos carros de combate; como zona de manobras (exercícios táticos); para a aterrização e o tiro da aviação; para o tiro de artilharia, com a cooperação da aviação. (2)

Como se pode concluir, é um campo que se presta para o desenvolvimento de exercícios táticos ou especiais de tiro, que podem ser executados simultaneamente, ou então, suspendendo-se o tiro, pôde ser utilizado, si não totalmente, pelo menos em grande parte, exclusivamente para exercícios táticos. A superfície total é de 9.000 hectares, hábil e amplamente utilizados; dentro do campo não existem outras instalações, sinão as do tiro; evitou-se por todos os modos pôr en-

pendem: a Divisão de Infantaria que por principio existe em cada região: as unidades isoladas de fortalezas e de diferentes armas, especialistas, serviços de intendencia, arsenais, saúde, etc. "que estão totalmente descentralizados"; a instrução das reservas, os centros de instrução, a mobilização e o reabastecimento, etc.

Na instrução da divisão o comandante da Região pouco intervém, pois que se dá ampla iniciativa ao General de Brigada, Comandante da mesma. A tarefa fundamental do Comando da Região é a "instrução das reservas e a mobilização", as quais se atribue uma importância capital.

A idéia central do serviço territorial francês é de conservar, de dentro de cada região militar, "um verdadeiro delegado do Ministro da Guerra", com amplos poderes para assegurar o funcionamento armônico de tudo que existe na região.

(2) Estas cartas figuram no folheto "Notícia sobre o Campo de Mourmelon" que está á venda na livraria Charles-Lavanzelli e Cia., de Paris, o que vale dizer, folheto de carater público. Julguei desnecessário traduzir as legendas e títulos que figuram nessas cartas".

traves á sua completa utilização não se fazendo concessões de espécie alguma a ninguém.

O cuidado do campo é simples e afóra as instalações de tiro nada existe nele que cuidar, pois se deixa que a vegetação cresça e morra por obra da natureza, com a qual o terreno adquire este valor real tão precioso para a instrução das tropas, tal como era nosso antigo Campo de Mayo, no qual se podia trabalhar com inteira liberdade. O campo não se arrenda em hipótese alguma.

“Ao tiro de combate para todas as armas, isoladas ou combinadas, se dá no exército francês uma importância fundamental. Ao tratar mais adiante do curso prático de tiro para oficiais de infantaria nos referiremos especialmente a este aspecto da instrução.

As cartas permitem apreciar que existem seis campos de tiro para a infantaria; êles dispõem de instalações completas para que possam praticar o tiro todas as armas leves ou pesadas, e também os carros de combate.

Estes campos possuem suficiente extensão e largura para que efetue comodamente, seu tiro um batalhão em pé de guerra, e em profundidade a necessária para que essa unidade possa executar com munição de guerra, fases completas de um combate, atirando com as armas leves e pesadas ao mesmo tempo.

As instalações existentes nestes campos de infantaria, consistem em fossos simples, seguros e muito bem dispostos, nos quais é possível colocar os alvos que a situação exige, sem introduzir artificios de forma, tamanho, etc., prejudiciais á instrução. Cada fosso tem na sua extremidade um abrigo de cimento armado, para o pessoal encarregado de mover os alvos. Estes consistem em silhuetas que representam as figuras que se deseje; se movem por meio de um cabo, enrolado em uma bobina com manivéla situada no abrigo do fosso. Em cada fosso é suficiente um sub-oficial e dois ou tres soldados.

A colocação dos alvos nos fossos é efetuado no anterior ao do exercício pelo pessoal do campo de tiro de acôrdo com o que péde o diretor do exercício.

Portanto, e sôbre isto quero chamar a atenção, não se trata de "linhas de tiro", como no Campo de Mayo, nas quais a fração de tropa se limita a atirar em condições mui restritas, mas de verdadeiros campos de tiro, que permitem até a companhia e o batalhão atirarem desenvolvendo a atividade tática real e adotando o dispositivo em largura e profundidade correspondente.

Os fossos estão ligados por telefone com a origem do tiro e entre si. O telefone na zona do tiro, é subterrâneo.

Para "exercícios de regimento" se empregam dois campos de tiro juntos. Com o fim de evitar acidentes, nos exercícios de unidades, para atirar com metralhadoras por cima das próprias tropas, se empregam metralhadoras especiais, fornecidas pela direção do Campo de Tiro.

É a meu ver, muito prático o "sistema empregado de alvos móveis" como por exemplo tanques inimigos. Sobre tudo, permite dar a esta espécie de alvos uma atitude muito semelhante com a realidade, que é exatamente o que se deve procurar no tiro de combate, para não falsear o real.

Este sistema consiste em um cabo de aço, que se estende seguindo o mesmo caminho em zig-zag que seguirá o tanque. O cabo passa por roldanas, colocadas sôbre talões solidamente fixadas no chão, de cem em cem metros, mais ou menos, segundo á forma e a natureza do terreno o exijam.

O alvo representando o tanque inimigo se coloca sobre um trenó leve de madeira, que está ligado ao cabo, cujo extremo oposto se amarra a um caminhão, situado á retaguarda dos atiradores (no exercício que presenciei, a 1.200 metros; atiravam com alça 1.000).

A um sinal convencional o caminhão se põe em movimento com uma velocidade igual á do tanque inimigo, que aparece dando uma impressão muito real, não só por sua forma e velocidade, como também pelas variadas direções que

segue, o que obriga os atiradores do canhão 37 a desenvolver muita habilidade para bate-lo.

O essencial deste mecanismo são as roldanas e o cabo, sobretudo as primeiras, que devem estar muito bem fixadas no chão.

Qualquer caminhão leve serve para esse fim. O inconveniente é a vegetação que exista no caminho que deve seguir o tanque, porém isto é fácil de corrigir, ao se instalar o cabo e as roldanas.

Quando o trenó chefa a uma das roldanas, o cabo se desprende desta e o trenó passa por cima da roldana.

Si se deseja atirar contra vários tanques ao mesmo tempo, se instalam vários cabos. Este mesmo sistema de cabos, com roldanas e arrastados por caminhão, pode empregar-se para qualquer outra classe de alvos móveis (atiradores que efetuam um lançamento, artilharia que muda de posição, etc.).

Os alvos mais econômicos são os de madeira comum; os impactos não se tapam, sómente se os assinalam com um lápis de qualquer côr.

A artilharia utiliza os campos de tiro da infantaria, combinando-os entre si, com o que se póde conseguir que no mesmo dia e ao mesmo tempo atirem tres grupos, ou então, dois batalhões e um grupo, ou que se realize um exercicio de armas combinadas no qual atuem um grupo e um regimento de infantaria.

O tiro de artilharia dentro do campo póde efetuar-se até oito ou nove quilometros. Para alcances maiores a artilharia atira do Campo de Mourmelon ao Campo de Sulppes, passando as trajetórias por cima de um povoado e tendo-se o cuidado de faze-lo com peças perfeitamente calibradas, de que dispõe o campo de tiro.

O movimento dos corpos de artilharia das suas guarnições para o campo é efetuado "sem material, veículos ou animais", ali se os provê de tudo o que necessitam, para isso o campo tem uma dotação abundante de todos os materiais regulamentares, a tração animal e mecânica, animais, etc. Isto acarreta uma grande simplicidade, rapidez e economia.

O campo dispõe de alojamentos completos, si bem que precários; para 4.000 homens, aproximadamente (30 galpões, com 143 camas cada um) e de espaço suficiente para outros 5.000 em giráos.

A aviação pôde praticar seu tiro de bombardeio e de metralhadoras, utilizando zonas e alvos especiais.

Tambem a aviação pôde praticar a observação do tiro real de artilharia. O campo de tiro fornece as estações de rádio necessárias.

A comissão de Experiência de Infantaria (carta n. 1) e a Comissão de Experiências de Artilharia (carta N. 3), que dependem diretamente das Direções Gerais das respectivas armas, têm reservada no campo uma zona especial para seus trabalhos. São essas comissões que têm a seu cargo a experiência de materiais novos, antes de serem adotados; de modificações a introduzir nos materiais em uso, etc.

Eventualmente as unidades de infantaria e de artilharia podem utilizar as zonas acima mencionadas.

O campo de instrução está a cargo de um comando permanente — um coronel especializado em tudo o que se refere ao tiro — auxiliado por um estado maior e por serviços de material bélico, de intendência e de saúde, cuja missão além da conservação do campo, consiste em facilitar o alojamento, a vida e o trabalho das unidades que utilizam o Campo de Mourmelon.

III. — O “CURSO PRÁTICO DE TIRO” ou ESCOLA DE TIRO DE INFANTARIA E CARROS DE COMBATE.

No Campo de Mourmelon está instalado e funciona o “Curso Prático de Tiro de Infantaria e Carros de Combate” sob a direção do comandante do campo, que na época da visita era o Coronel Muller, antigo professor de armamento e tiro da Escola Militar de Saint Cyr. Este oficial superior demonstrou no terreno ser autoridade na matéria e um exemplo de atividade.

Na realidade o dito curso bem poderia ser chamado "Escola de Tiro de Infantaria e Carros de Combate", porquanto, si é certo que o curso mais importante e tradicional que ali se realiza todos os anos é o curso de Tenentes, veremos que não é o único.

Por sua missão, que consiste, principalmente em "completar e aperfeiçoar os conhecimentos que os oficiais possuem sobre o armamento e o tiro da infantaria e carros de combate" o "Curso Prático" se assemelha mais á nossa atual Escola de Infantaria do que á nossa velha Escola de Tiro.

Por estas razões e para evitar qualquer confusão, ao Curso Prático de Tiro, chamaremos neste trabalho "Escola de Tiro" o que ainda nos permitirá estabelecer diferenças mais precisas com a nossa.

Nas Escola de Tiro funcionam durante o ano os seguintes cursos:

- 1º) "Um Curso de Instrução para Tenentes de Infantaria e de Carros de Combate" com a duração de quarenta e cinco dias, "obrigatório" para todos os tenentes, motivo pelo qual é necessário realiza-lo duas vezes no ano: de 15 de Fevereiro a 6 de Abril e de 12 de Setembro a 1.º de Novembro (primavera e outono, respectivamente). Póde dizer-se que é um curso exclusivamente de "armamento e tiro".
- 2º) Um curso de Informações para Officiais Superiores de Infantaria. A este curso concorrem capitães que devem ser promovidos a comandantes (majores), assim como comandantes e tenentes coroneis, por turnos. Dura tres semanas e se realiza no mês de Maio. Tambem concorrem a este curso alguns chefes de esquadrão de Artilharia (nossos majores, comandantes de Grupo) para enfronharem-se da tática e do tiro de Infantaria. E' um curso de "armamento, tiro e tática ao mesmo tempo.

3º) Outros cursos que eventualmente, disponham de prioridade, para chefes e oficiais da Reserva, assim como para Oficiais Superiores de Infantaria (até Coronéis e Generais), quando vão ser adotados novos armamentos, novos processos de tiro ou de combate. A Escola "não tem a seu cargo a realização de experiencia de natureza alguma" com armamentos ou materiais, nem tão pouco o estudo de processos táticos ou de tiro.

Para esses fins especiais, a direção de Infantaria, de que depende a Escola, designa quando é necessário uma "Comissão de Experiencia" ou uma "Comissão de Estudos Práticos" conforme o caso.

Essas comissões dispõem para os seus trabalhos do Campo de Mourmelon assim como das instalações, materiais e tropas que existem nele, porém em nada perturbam o trabalho da Escola. Isto contrasta com a missão das Escolas de Armas, as quais são sobrecarregadas com numerosas experiencias de equipamento, armamento e materiais que, no geral, se realizam deficientemente por falta absoluta de tempo e pessoal, que é indispensavel dedicar aos cursos. Como as informações dadas pelas Escolas de Armas influem muito nas resoluções definitivas que se tomam com referênciã ás questões citadas, facil é prever as graves consequências que essa ordem de cousas acarreta em todos os sentidos.

1) *O Curso de Instrução para Tenentes de Infantaria e Carros de Combate.*

Como ficou dito anteriormente, este Curso tem por fim o conhecimento a fundo do armamento da Infantaria e dos Carros de Combate, assim como dos respetivos processos de tiro.

De acôrdo com este critério, o programa geral compreende as seguintes matérias:

Armamento: Funcionamento e rendimento balístico das diversas armas da Infantaria: fuzil metralhadora, metralhadora (especialmente), canhão anti-tanque, morteiro "Brandt".

Tiro: Coletivo e mui especialmente de combate, com as diferentes armas e nas mais variadas condições de terreno, fundo, distância e alvo.

O tiro de combate deve ser praticado "segundo situações táticas". Tiro terrestre e anti-aéreo.

Telêmetros e topografia — Regulação e emprego dos diferentes telêmetros, nas mais variadas circunstâncias. Croquis e esboços.

O programa semanal é fixado pelo Diretor do Curso, baseado no programa geral resumido mencionado.

Na impossibilidade de se dar aula simultaneamente aos 120 oficiais do Curso sobre a mesma matéria, formam-se dois grupos, de modo que a matéria estudada por um grupo de manhã volta a ser estudada pelo outro á tarde, e reciprocamente.

Como já disse, a tática não é objeto de um estudo especial separado, como acontece nas nossas escolas de armas; ela é considerada sómente como ponto de partida para o tiro, "que é a finalidade essencial do Curso" de modo que todo o exercício de tiro, de frações ou de unidades, se realiza sempre no quadro de uma situação tática determinada. Por outro lado, a breve duração do curso impediria um estudo desta natureza.

O "tiro anti-aéreo" é quasi uma matéria especial; o mesmo acontecendo com o tiro anti-tanque, o que está justificado si se levar em conta a importância fundamental que ambas estas questões têm para o Exército Francês e a grande propensão de canhões anti-tanques de que está dotada atualmente sua Infantaria.

Em síntese, em face de sua curta duração e o programa a desenvolver, o Curso de Tenentes é um "curso intensivo", até certo ponto de vista fatigante.

O "Curso Prático de Tiro de Infantaria e de Carros" de Mourmelon, que, como já disse, deveria ser chamado com mais propriedade "Escola de Tiro" está organizado da seguinte maneira: um Coronel, Diretor, com seu Ajudante (Capitão); um Tenente Coronel, Sub-diretor, Chefe dos Estudos; "tres se-

ções" (Infantaria — Carros de Combate — Defesa anti-aérea); Serviços.

Cada Seção é comandada por um Capitão, secundado por vários oficiais especialistas, que funcionam como "professores". Assim, por exemplo, a Seção Infantaria conta com um tenente especialista em fuzil metralhador, outro em metralhadoras e outro em petrechos (engenhos) de acompanhamento, que, como se sabe, compreendem o canhão 37 mm. e o morteiro "Brandt" de 81 mm. (Regimento de Infantaria) e de 60 mm. (batalhão). Existe mais um tenente professor de tiro anti-aéreo.

Estes professores são escolhidos com especial cuidado e podem ser capitães, com vários anos de antiguidade no posto.

Quando se trata de cursos para Oficiais Superiores, o Coronel Diretor e o Tenente Coronel Sub. Diretor atuam como professores.

Como parte integrante da escola existe "uma companhia de Infantaria" que servê para os pequenos trabalhos da arma; para trabalhos exijam maior quantidade de tropa, a Escola, por expressa autorização da Direção de Infantaria, pôde contar com um batalhão do 8º Regimento de Zuavos, cuja séde é no Campo de Mourmelon, ou ainda com outro batalhão de um dos regimentos que compareçam e se instalam no referido campo, para executar tiro de combate.

Além disso, a Escola dispõe de "uma Companhia de Carros de Combate", suficiente para os trabalhos dos Oficiais desta especialidade.

Para o transporte diário dos alunos ao campo de instrução existem vários ônibus.

Os alunos são "internos". O Campo de Mourmelon, que proporciona á Escola o terreno e todo o material que necessita para os seus trabalhos, possui instalações para um alojamento cômodo si bem que muito modesto, como em geral é o alojamento do oficial na França. Na pequena localidade de Mourmelon existe um restaurante para oficiais, dirigido por um civil.

“A Escola depende exclusivamente da Direção da Infantaria”, órgão superior que no Exército Francês tem a seu cargo tudo relativo á organização e instrução da arma.

O curso funciona segundo um critério essencialmente prático; também para as classes teóricas se dispõe de aulas e gabinetes providos de toda a espécie de gráficos e aparelhos, que permite executar uma “instrução puramente objetiva”; a teoria está eliminada quasi por completo.

Em resumo, o Curso está orientado de modo que, em primeiro lugar os alunos, tanto da Infantaria como dos Carros de Combate, recebem a “instrução teórico-prática” indispensavel para completar seus conhecimentos sobre o funcionamento e rendimento das diferentes armas, assim como sobre os respectivos processos de tiro. Em seguida se passa á “instrução applicavel”, isto é, ao tiro de cada arma, que se executa completamente no terreno, salvo nos dias de chuva, em que se trabalha no geral no caixão de areia.

Tive ocasião de assistir um tiro de guerra com canhões antitanques e um exercício de tiro indireto com metralhadoras.

Por considerar de interesse, descreverei o processo observado nos dois tiros.

No exercício com canhões antitanques de 37mm., tratava-se de bater um tanque inimigo, cuja fôrma e movimentos estavam habilmente representados mediante o sistema de alvos movidos a tração mecânica, que descrevi no princípio deste trabalho.

Atuavam simultaneamente quatro officiaes alunos, sob a direção do professor; outros officiaes completavam o serviço de cada peça. A situação era muito simples: uma peça em posição de vigilância, com a missão de bater todo o tanque que surgisse num dado setor.

Aparecido o objetivo, á distância de 1.000 metros, cada peça executou á vontade doze disparos, empregando projétis cuja côr variava de peça a peça, de modo que depois era possível diferenciar no alvo os respectivos impactos, pois a côr ficava perfeitamente gravada na madeira.

O alvo fez um percurso de 300 metros, mais ou menos, em zig-zag, tal como na realidade procedem os tanques. Isto exigia muita atenção, rapidez e segurança por parte dos apontadores e dos serventes da peça em geral.

Terminado o exercício, o professor com os alunos executantes e os assistentes se transportaram para o alvo, onde foi feito rapidamente o levantamento dos impactos-e a crítica do exercício, para ficar assentado o ensinamento de que só com serventes da peça que tenham trabalhado sob a direção de um habil instrutor, "e atirado muito", o canhão de 37mm. poderá cumprir sua missão.

O mesmo exercício foi repetido até que cada um dos 60 oficiais alunos fez sua respectiva série de 12 disparos, como si fosse um simples tiro de fuzil. Ao todo, três horas de trabalho essencialmente prático, muito proveitoso e com um gasto de 720 cartuchos de 37mm.

Tive a impressão de que "a peça de 37 mm. é muito precisa", e esse é o conceito que sobre a mesma fazem o Diretor da Escola e o professor que dirigia o exercício.

No terreno havia 12 peças, de modo que era possível substituí-las oportunamente.

Para o exercício de tiro indireto de metralhadoras, em que tomava parte a outra metade do curso (60 oficiais), estavam instalados no terreno "30 metralhadoras", isto é, uma para dois oficiais alunos.

O professor havia distribuído os postos fazendo atuar dois alunos como comandantes de Companhia de Metralhadoras (que na França possui 16 peças), outros como comandantes de Seção e outros como chefes de peça, e ao mesmo tempo atiradores.

O tema suponha a infantaria inimiga assinalada nas proximidades de um bosque de pinheiros, que se achava a 2.500 metros das metralhadoras, um terreno que por sua conformação se prestava admiravelmente para esta espécie de tiro.

O professor indicava o processo de pontaria a empregar, que variava até o emprego de cinco processos diferentes.

Em seguida se passou ao tiro, por Seção, e com os resultados obtidos foi feita a crítica do exercício.

Calculo que neste exercício foram consumidos cerca de 20.000 cartuchos, o que demonstra o carater eminentemente pratico do mesmo, e que "não se vacila em gastar muita munição, com o fim de formar um pessoal experimentado". Leve-se em conta que este mesmo exercício devia ser executado á tarde, pelos officiaes que de manhã tinham trabalhado com o canhão 37, e vice-versa.

Processos de instrução muito simples, que apresentavam situações muito claras e reais, sem a intervenção de artifícios ou suposição alguma, que só servem para atrapalhar.

No exercício de tiro indirecto o Director da Escóla demonstrou um conhecimento absoluto do assunto. Tinha em seu poder uma caderneta com índice e com uma folha destinada a cada aluno, cujo retrato estava colocado no bordo superior, o que permitia identificá-lo com rapidez e segurança.

Eram-lhe suficientes uma ou duas perguntas, feitas com a habilidade própria de seu grande domínio sobre o assunto, para julgar si o official aluno estava ou não no conhecimento do problema de tiro proposto.

Em seguida fazia suas anotações na caderneta, especificando a data e o juizo merecido pelo aluno.

Explicou-me que, como este Curso é obrigatório para todos os tenentes "decisivo para a promoção" empregava todos os meios para classificá-los com a maior justiça.

A Escóla occupa uma parte dos locais do Campo de Instrução de Mourmelon; são alojamentos muito antigos, porém muito bem conservados e aproveitados. Consistem em uma série de pavilhões separados, de material, com cobertura de telhas em chalé. Estão providos de aquecimento e bôa iluminação.

Existem três ou quatro aulas; a principal é a destinada ao estudo do armamento, que possui uma coleção completa de todas as armas da Infantaria, antigas e modernas, e tambem, para o estudo de cada uma destas últimas, vários modelos seccionados. Esta mesma aula tambem dispõe de uma co-

ção de gráficos muito interessantes sobre o armamento e o tiro da Infantaria, concebidos com um critério tão claro e prático que na realidade constituem um inestimável meio auxiliar para o professor.

O armamento de que dispõe a Escola é abundante e em excelentes condições; reservam-se metralhadoras especiais para os exercícios de combate em que as trajetórias devem passar por cima das próprias tropas (observe-se que não se trata somente de dispôr de alguns canos de substituição).

Não obstante esta abundância de armamento, seu controle é rigoroso, e a vida de cada fuzil ou metralhadora está minuciosamente documentada. O mesmo se dá a respeito do consumo de munição.

Outra sala é destinada á instrução de tiro no caixão de areia, para o qual se aproveitam os dias de mau tempo.

A Escola recebe 160.000 francos anualmente para as despesas que os diferentes cursos que nela funcionam acarretam. Dessa importância devem ser gastos, aproximadamente, 10.000 francos na instrução com os carros de combate, cujo consumo de essência e óleo é sumamente caro.

“Para ensino teórico do tiro com o morteiro “Brandt” de 81mm.,” igual ao do nosso Exército, se usa um caixão de areia com escala, quadriculado na sua parte superior, também com escala, o que permite referir os supostos pontos de queda dos projetis e, por conseguinte, “verificar a habilidade do atirador na regulação do tiro”.

O caixão de areia pôde ser confeccionado nos Corpos, com seus próprios recursos, pois é muito simples e barato.

Para a “prática de pontaria anti-aérea” com metralhadora e fuzil metralhador (instrução a que no Exército Francês se dá grande importância), se usa um sistema de alvo muito prático, “de imans” que em resumo consiste em um avião que por meio destes imans é posto em movimento pelo instrutor á vontade, e que se detem quando o atirador efetua o disparo.

O tamanho do avião, sua distância da metralhadora e sua velocidade, estão correlacionados matematicamente com a distância real, assim como com o tamanho e velocidade reais do

avião. Na metralhadora e no alvo funciona um aparelho registrador, semelhante a um rôlo de cinta telegráfica, que é picotado por um alfinete imantado ao efetuar-se o disparo. Uma comparação gráfica destas cintas permite apreciar com exatidão para onde esteve apontada a arma no momento do tiro e onde está marcado o impacto.

Não pude obter a descrição escrita deste mecanismo; informaram-me que foi idealizado pelo professor de tiro da Escola e que dá muito bons resultados, pois desperta muito interesse e permite um exercício muito frequente da pontaria, que é precisamente o que exige o tiro anti-aéreo.

Não o julgo tão difícil e complicado que um oficial do nosso Exército, ciente do princípio em que se baseia e que procurei esclarecer da melhor forma possível, não possa idealisar um mecanismo parecido e igualmente util.

O tiro por excelência das metralhadoras (tiro terrestre) é o que no Exército Francês se chama "tiro mascarado", isto é, com pontaria direta e com a metralhadora tão bem oculta e mascarada, que seu reconhecimento se torna muito difícil. Por conseguinte é o tiro que mais se pratica. Exige-se especial habilidade (arte) para ocultar a metralhadora e a ocupação da posição.

Sem embargo, se reconhece a importância do tiro indireto de metralhadoras, quando o mesmo foi habilmente preparado e aberto "por surpresa" por uma unidade (no mínimo Seção de quatro peças, porém sempre se emprega a Companhia de 16 peças). O Diretor da Escola, coronel Muller, citou-me exemplos da Grande Guerra, por ele vividos, que demonstram a efficacia do tiro indireto.

Tive ocasião de comprovar a exatidão do que sustentava quando era Diretor da Escola de Infantaria, no sentido de que para se apreciar a efficacia do tiro indireto de metralhadoras, é preciso ir-se ao alvo com os que o executaram, e esforçar-se para situar o feixe no terreno, de acordo com os impactos e o rastro deixado pelos projéteis, para julgar qual teria sido na realidade a "situação moral do inimigo", que por surpresa, em alguns minutos, recébe essa chuva de projéteis.

O resultado do tiro indireto não deve ser apreciado, exclusivamente, pelo efeito material, isto é, pelas baixas que produz, mas também pelo abatimento moral da tropa que o suporta.

2) *O Curso de Oficiais Superiores*

Já disse qual é a finalidade, duração e época do ano em que se realiza este Curso de Informações.

“No Exército Francês, quiçá mais do que em nenhum outro, o fogo é o principal meio de ação da Infantaria”. Em consequência, um Chefe que não conheça a fundo o complexo armamento de seu Batalhão ou Regimento e o rendimento de que é capaz, não estará apto para comandá-lo como é necessário em tempo de paz, e muito menos na guerra.

Por outro lado, na Infantaria francesa o ataque e especialmente a defesa se baseiam inteiramente no problema da “organização dos fôgos”, em harmonia com a artilharia.

O programa do Curso atende precisamente aos dois conceitos enunciados, de modo que ele é feito afim de que os chefes possam receber uma informação prática que se lhe dá com uma série de exercícios com tropas e tiro real no terreno.

IV — CONCLUSÕES

1.º) Os exércitos, como o argentino, que resolveram modernizar seu armamento e sua tática, devem resolver-se também a adquirir “excelentes campos de instrução”. Repetiremos aqui o que dissemos no começo deste trabalho, no sentido de que, não ter campos de instrução é ter uma falta grave na preparação militar, uma vez que os processos táticos e de tiro, tanto de armas isoladas como de armas combinadas, “devem ser praticados a fundo”.

A falta de campos de instrução nas diversas guarnições, constitui para nós um problema grave, que será mais grave ainda á medida que o tempo passa e se percam as oportunidades, que ainda existem, de serem adquiridos campos apropriados.

Ainda para certas guarnições do interior se apresentam atualmente as mesmas dificuldades que na Capital Federal.

Nosso Exército dispõe de numerosos campos que podem ser bons como fonte de recursos, porém que não o são sob o ponto de vista da instrução das tropas, que é o fundamental e o que exclusivamente nos deve interessar.

Com o produto da venda destes campos se obteriam quiçá os recursos necessários para adquirir os de que realmente precisamos, e a dívida restante a pagar compensaria com juros os benefícios obtidos.

Si nossos corpos não conseguem praticar o tiro de combate com a amplitude correspondente, isto é, chegando até ao tiro de batalhão e de grupo (pelo menos), sem limitação ou artifício algum, não estaremos em caso real em condições de obter todo o rendimento que o nosso armamento, tão moderno, variado e caro, é capaz de dar.

2.º) Si já antes da grande guerra de 1914-18 se reconhecia, não só em França como nos principais exércitos a necessidade de uma Escola de Tiro para a Infantaria, não merece dúvida que atualmente se deve reconhecer com mais forte razão ainda, dada a importância decisiva que no combate tem o fogo da Infantaria, assim como também o complexo de seu moderno armamento.

“Emquanto o oficial de Infantaria não possuir um conhecimento profundo e essencialmente prático sobre o rendimento que as diferentes armas do Regimento podem dar, quando são convenientemente empregadas, será um máo chefe e piór instrutor”.

Sob este ponto de vista, na França se reconhece que os conhecimentos adquiridos pelo oficial na Escola Militar de Saint-Cyr e os que póde adquirir depois nos Corpos, “são insuficientes”.

Portanto, uma Escola como “O Curso Prático de Tiro de Infantaria e de Carros”, de Mourmelon, se justifica amplamente.

3.º) Na opinião do Diretor da Escola de Mourmelon, coronel Muller, com a qual estou inteiramente de acôrdo, convém que o aluno seja tenente, por que desta forma estará em condições de aproveitar melhor o Curso que um sub-oficial e

Finalmente, o cargo de Diretor de uma escola desta natureza não deve ser determinado pela importância da unidade que lhe serve de base, mas, como no Exército Francês, “pela importância de sua missão”, que exige um Coronel de reconhecida experiência em tudo que se relacione com o armamento e o tiro da Infantaria.

Biblioteca de “A Defesa Nacional”

Livros à venda:

	CR\$
Anuário Militar do Brasil, 1935	17,50
Anuário Militar do Brasil, 1936	22,50
Anuário Militar do Brasil, 1937	17,50
Anuário Militar do Brasil, 1938	22,50
Anuário Militar do Brasil, 1940	27,50
Anuário Militar do Brasil, 1941	37,50
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima . .	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (p. oficiais)	21,00
A Revolução de 1842 — Rudolf Bolting	27,00
Aspecto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mario Travassos..	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Cel. M. Travassos	5,50
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo. . .	11,00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa	7,00
Caderneta de Ordens e Partes.	11,00
Caderneta de Ordens e Parts (bloco para)	3,00
Caderneta do Capitão de Infantaria	13,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544-1938 — Major Bnto Lisboa	13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	Cr\$ 3,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga..	Cr\$ 2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva	Cr\$ 5,00